

# Graciosa

Barcos virão e novas trarão!  
Paisagem e marcas do tempo da Rota da Índia



## Explore o mesmo tema noutras ilhas dos Açores

### ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES



6 ilhas têm disponível um roteiro sobre este tema, conheça a nossa história.



## Fortes da Graciosa

Desde o século XVI que a ilha se foi tornando um palco, cada vez mais frequente, de ações bélicas não só porque as guerras da Europa se travavam no Atlântico, mas também porque a ação de piratas e corsários se tornou mais intensa.

A fortificação da ilha acompanhou esses ritmos, e embora de alguns fortes nada reste, e apenas se saiba da sua existência através de documentação antiga, de outros ainda podemos ainda encontrar vestígios dispersos pela paisagem.

1. Bateria de Nossa Senhora dos Remédios
2. Forte de Afonso do Porto
3. Forte da Barra
4. Forte de Santa Catarina
5. Forte do Carapacho
6. Forte da Calheta, ou do Espírito Santo
7. Reduto da Areia
8. Reduto da Folga

Fortes com localização desconhecida:

- Forte da Pesqueira
- Forte de Nossa Senhora da Vitória
- Fortim da Rocha, ou da Arrochela
- Reduto de João Dias
- Reduto dos Fenais



Damião Freire de Bettencourt Pego. "Forte de Sta Catharina, na comarca de Stª Cruz da Ilha Graciosa. Tombo dos Fortes da Graciosa". ca 1885



## Influências na culinária da Graciosa

Na gastronomia açoriana é frequente o uso de especiarias, prática que suplanta a utilização do tempero com ervas como é frequente na culinária continental. É hábito que remonta à época em que abundavam nos portos das ilhas e cuja utilização cada localidade foi adequando ao seu gosto.

Na gastronomia graciosense o uso de especiarias também é comum, mas, como nas outras ilhas, foi encontrando expressões diferentes de localidade para localidade. Por exemplo, na freguesia da Luz usa-se canela nas morcelas, no sarapatel e no recheio de aves, temperos que não se usam em Santa Cruz.



# Explore GRACIOSA AÇORES



"No areal está uma fortaleza mui forte [...], de quatrocentas braças de compridão e vinte palmos de alto e dez de largo, e a cada cinquenta braças tem um cubelo, em que estão duas peças de artilharia, com as quais defendem o areal [...] sem ter mais que uma porta por onde se servem, a qual é mui forte e espaçosa e tranca-se com duas madres mui grossas, pela qual varam as caravelas que no porto estão, quando venta rijo, com que lhes tirarem os mastros; e tornando a fechar a porta, as têm ali fechadas quanto tempo querem [...]."

Gaspar Frutuoso (1586-1590).  
Saudades da Terra, Livro VI



## Percursos temáticos

De entre as inúmeras possibilidades de percursos de exploração da ilha, propomos-lhe dois roteiros temáticos: num encontrará, sobretudo, locais cujas histórias se cruzaram com piratas e corsários e onde, por essa razão, foi necessário instalar meios de vigilância e defesa; no outro, será levado a apreciar aspetos relacionados com marcas que as riquezas vindas do Oriente entre os séculos XVI e XVII deixaram na Graciosa.

**HISTÓRIAS COM PIRATAS**  
1 - 2 - 3 - 4 - 11 - 12 - 10 - 13 - 15

**À VOLTA DAS RIQUEZAS DO ORIENTE**  
5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 14



## Barcos virão e novas trarão! Paisagem e marcas do tempo da Rota da Índia

A Graciosa, ilha fora do circuito habitual das naus que, vindas da Índia, demandavam o porto de Angra, foi várias vezes atacada e invadida por piratas e corsários que, rondando a Terceira necessitavam de se reabastecer de água e mantimentos.

Histórias de saques, pilhagens e leva de reféns acompanharam a ilha desde o seu povoamento, tanto é que a toponímia e as lendas dão conta de alguns desses episódios. As ruínas de postos fortificados que encontramos junto à costa, e a arquitetura civil e religiosa também as corroboram.

Embora a costa da ilha seja, na sua maioria, alta e de difícil acesso, foram construídos fortes guarnecidos com companhias de ordenanças logo depois do povoamento. Ainda assim, ocorreram vários ataques de corsários e piratas, e em 1691 a vila da Praia chegou mesmo a ser saqueada.

A maioria dos cerca de treze fortes que defenderam a ilha está em ruínas ou desapareceu, mas esses e outros vestígios contam-nos a história da Graciosa nos séculos XVI e XVII e da sua relação, nem sempre fácil, com os agentes do comércio atlântico e as riquezas da Índia.

O que lhe propomos é, pois, descobrir e perceber a Graciosa à luz de lugares de batalhas e de invasões, das fortificações que o território exigiu, ou de variados elementos artísticos - trazidos ou construídos por influência, ou em memória, da passagem das rotas e das riquezas que fizeram dos Açores a escala atlântica do comércio com o oriente.

Bom passeio!





### 1. Ermida de Nossa Senhora da Vitória, Vitória, Guadalupe

A ermida de Nossa Senhora da Vitória foi fundada pelo capitão Pedro da Cunha e Ávila em memória da vitória dos moradores sobre piratas que desembarcaram no cais de Afonso do Porto em 1623. Feito refém, o capitão foi resgatado em Argel regressando, depois, à Graciosa onde mandou construir a ermida.



### 15. Cais de Afonso do Porto. Vitória, Guadalupe

O cais de Afonso do Porto, assim designado talvez por as terras circundantes serem de um proprietário com esse nome, é agora o Porto Afonso e localiza-se numa baía recôndita circundada por costa alta e escarpada, mas protegida dos ventos. Por tais características era local de desembarque de piratas e corsários, e no verão, quando eles eram esperados e temidos, cortava-se o caminho e ninguém descia ao cais.



### 14. Porta da Igreja Matriz de Guadalupe, Guadalupe

Uma fantástica lenda da ilha conta que “o porto da Índia” coincidia com a porta da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, razão pela qual quem fosse à missa e passasse por aquela porta estaria a desembarcar naquelas paragens do Oriente!



### 13. Reduto da Folga, Lugar da Folga, Luz

A data de construção do Reduto da Folga é incerta. Hoje completamente desaparecido, a sua localização, dominando a baía da Folga e a zona sudoeste da ilha, testemunha o seu papel na defesa do ancoradouro ali existente.



### 2. Forte da Barra. Lugar da Barra, Santa Cruz

Não se sabe a data exata da construção do Forte da Barra, mas em conjunto com a ermida que ali existiu defendia o pequeno cais. Hoje é um dos que ainda pode ser apreciado havendo, até, vestígios da trincheira que o ligaria ao forte de Santa Catarina.



### 3. A Ermida e o Forte de Santa Catarina, Santa Cruz

À entrada da baía de Santa Cruz, como que a guardá-la, uma ermida dedicada a Santa Catarina protegia os mareantes fazendo muitos milagres, certamente por os guiar até porto seguro. Com o tempo a ermida deu lugar a um forte com o mesmo nome, também ele elemento de proteção, mas com outro alcance além do da oração. De ambos, hoje nada resta.



### 4. Forte da Calheta, ou do Espírito Santo, Porto da Calheta. Santa Cruz

O Forte da Calheta, também chamado Forte do Corpo Santo, terá sido construído para proteção do porto da Calheta entre 1590 e 1645. Construção muito fustigada mercê da sua exposição direta aos elementos, hoje mantém muita da sua integridade e é possível apreciar, além de outros detalhes, uma emblemática guarita octogonal.



Farol da Ponta da Barca

### 5. Retábulo da Igreja Matriz de Santa Cruz da Graciosa

As fabulosas seis tábuas representando o ciclo da vida de Cristo e da Santa Cruz que compõem o retábulo da Matriz de Santa Cruz são encomenda régia ao artista anónimo designado por Mestre de Arruda dos Vinhos e atesta a renovação artística de igrejas e templos açorianos que ocorre no desafio financeiro de meados do século XVI.



### 6. Painéis de Santo Inácio e São Francisco Xavier. Igreja Matriz de Santa Cruz da Graciosa

Os painéis representando Santo Inácio e São Francisco Xavier da Capela de Santa Luzia, na Matriz de Santa Cruz, são interessantes exemplares de arte oriental de exportação cujas fisionomias denunciam a origem, e influência, dos pintores.



### 7. Abóbada do batistério da Matriz de Santa Cruz, Santa Cruz

A Matriz de Santa Cruz (classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1996), é uma construção quinhentista que possui, no batistério, uma abóbada de nervuras tardo-gótica com elementos florais nos fechos. É um detalhe em estilo manuelino que testemunha a passagem pela Graciosa de artistas que atualizavam o gosto e divulgavam novas técnicas de cantaria.



### 8. A Cruz da Barra. Lugar da Barra, Santa Cruz

Os cruzeiros, altas cruzes erguidas ao ar livre, protegiam os locais recordando acontecimentos marcantes para os quais pediam orações. A Cruz da Barra, construção em estilo manuelino com origem incerta datada do final do século XV ou princípios do XVI, terá, anteriormente, dominado o adro de uma ermida no lugar da Barra, baía onde um cais necessitava, certamente de orações que o protegessem contra invasões e temporais.



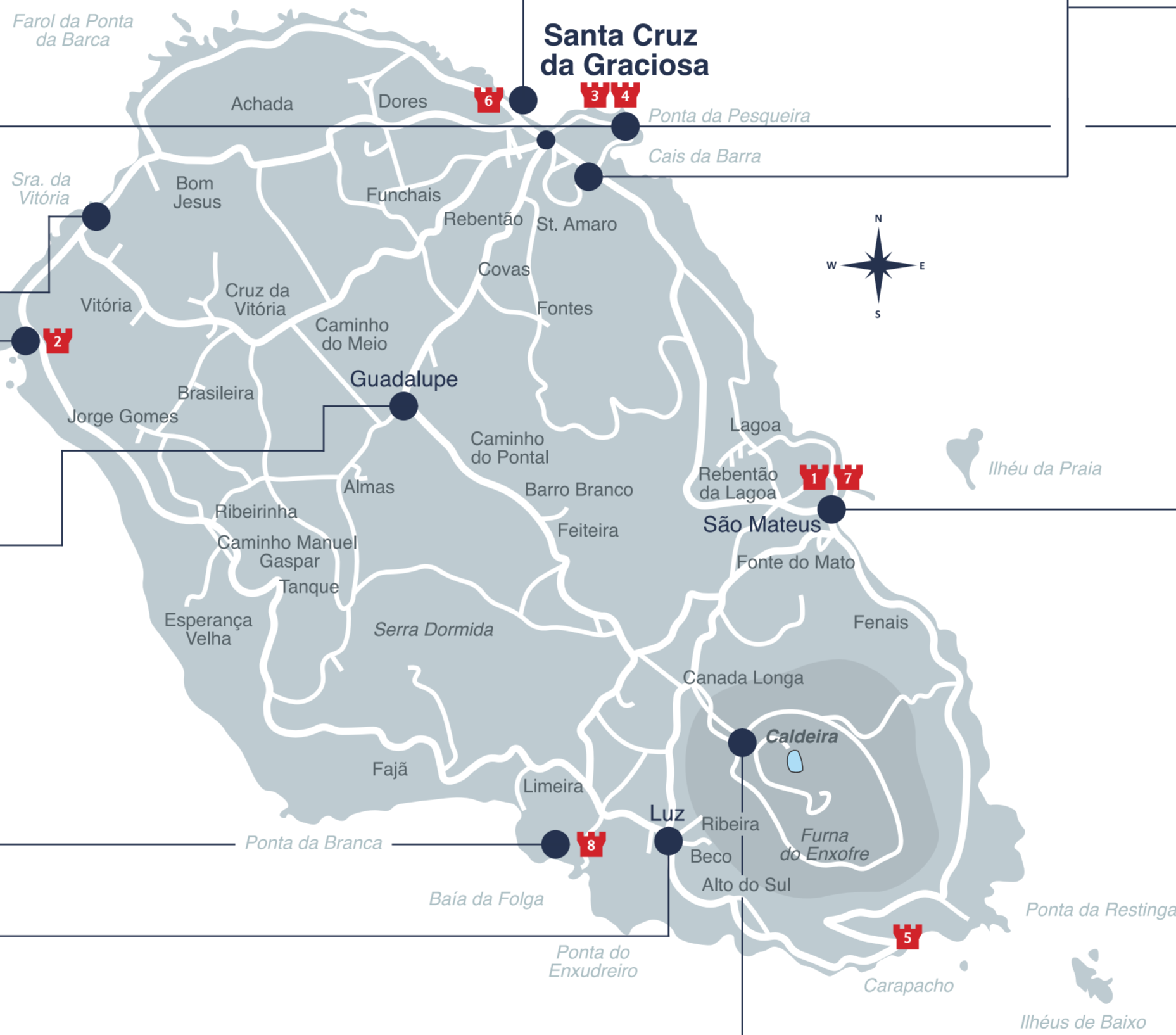
### 9. Igreja Matriz da Praia. Vila da Praia, São Mateus

Em 1691 a vila da Praia foi saqueada por ingleses que, desembarcando como amigos, roubaram as ricas alfaias da Matriz da Praia e mataram algumas pessoas que se lhe opuseram fugindo de seguida.



### 10. Muralha da Praia, Vila da Praia, São Mateus

A muralha da Praia é a maior obra de engenharia militar da ilha, e uma das maiores do arquipélago. Protegendo a larga baía, pelo lado norte a muralha iniciava-se no Forte da Arrochela e a sul terminava no de São Sebastião. A meio uma única porta dava acesso ao porto e no topo um passadiço permitia a circulação dos homens de armas, passadiço esse protegido por um muro exterior alto - a cortina.



### 11. A Furna do Rombote. Encosta da Caldeira, São Mateus

Um navio espanhol que andava ao corso desembarcou na zona da capitania da Praia, certamente para fazer aguada ou roubar o que fosse possível. Os moradores refugiaram-se numa gruta na Caldeira de onde, primeiro, repeliram os invasores. Desde então, a gruta ficou conhecida por o Castelo de Rombote, apelido do capitão Fernão Vaz Rombote, um dos que comandou a sua defesa, embora, posteriormente, a tradição popular tenha passado a chamar-lhe Furna da Maria Encantada.



### 12. A Casa da Pólvora, Lugar da Casa da Pólvora, Luz

A toponímia revela-nos, muitas vezes, funções dos espaços que, com o tempo, se perderam, mas cuja compreensão nos permite interpretar os territórios. Assim é na Casa da Pólvora, encruzi-lhada dos caminhos que se dirigem, em direções opostas, às freguesias da Luz e da Vitória, local equidistante e suficientemente afastado do mar onde era seguro, e avisado, instalar o paiol com a pólvora tão necessária em caso de ataque ou invasão.

